O ESTADO DE S.PAULO

Publicado em 06/05/2023 - 06:00

Após três anc

Pandemia do coronavírus

OMS declara fim da emergência, após covid matar quase 7 milhões no mundo

Alerta havia sido decretado pela entidade em janeiro de 2020, quando o número de casos e mortes começou a explodir na China. Mas a vigilância deve ser mantida

LEON FERRARI

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ontem o fim da emergência de saúde pública (PHEIC, na sigla em inglês) da pandemia do coronavírus no planeta. O alerta havia sido decretado pela entidade em janeiro de 2020, quando o número de casos e mortes começou a explodir na China. "É com grande esperança que declaramos que a covid-19 não é mais uma emergência global", disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom.

Nos últimos três anos, a doença causada pelo vírus Sars-CoV-2 provocou 765,2 milhões de casos e quase 7 milhões de mortes, segundo a OMS. Especialistas, porém, apontam que o acesso desigual a testes e ao sistema de saúde deixaram esses números bastante subnotificados. Em relação aos óbitos, em seu discurso, Tedros falou que o total deve ser "várias vezes maior" – a estimativa da entidade é de pelo menos 20 milhões.

A alteração do status foi possível graças ao avanço da vacinação, que, de acordo com Tedros, nos permitiu ver, no último ano, tendência de queda de casos e mortes, e diminuição da pressão sobre os sistemas de saúde. O desenvolvimento do imunizante, fruto de um esforço científico global sem precedentes, ocorreu em tempo recorde. As primeiras doses começaram a ser dadas em dezembro de 2020 – no Brasil, a aplicação começou só no mês seguinte.

Embora tenha declarado fim da emergência, o diretor da OMS frisou que a covid não deixou de ser uma "ameaça à saúde global". Conforme ele, só na semana passada, a doença fez uma vítima a cada três minutos, milhares seguem em unidades de terapia intensiva (UTI), lutando por suas vidas, e milhões vivem os efeitos debilitantes da síndrome pós-covid. "Esse vírus veio para ficar. Ainda está matando e ainda está mudando. Permanece o risco do surgimento de novas variantes que causam novos surtos de casos e mortes", afirmou.

A imunização é apontada por especialistas como a principal estratégia de prevenção, sobretudo entre grupos vulneráveis, como idosos, imunossuprimidos e outros. No plano estratégico de resposta à covid para o período de 2023 a 2025, publicado na quarta, a OMS destaca que os países trabalharam arduamente para vacinar 70% da população mundial, mas isso significa que "30% da população mundial ainda não recebeu uma única dose". Países de baixa e média renda ainda apresentam "grandes lacunas" da imunidade derivada da vacina, e a cobertura de reforço permanece "muito baixa" globalmente.

GOVERNO/SP

Uma das primeiras imunizações feitas no Brasil; organização destaca que 30% da população mundial ainda não recebeu uma única dose

> ***"Esse vírus veio para ficar. Ainda está matando e mudando. O que esta notícia significa é que é hora de os países fazerem a transição do modo de emergência para o gerenciamento da covid, juntamente com outras doenças infecciosas"***
> **Tedros Adhanom**
> **Diretor-geral da OMS**

SEM BAIXAR A GUARDA. Conforme Maria Van Kerkhove, diretora técnica responsável pelo combate ao coronavírus, o vírus "continuará a causar ondas". "O que esperamos é que tenhamos as ferramentas para garantir que as ondas futuras não resultem em doenças mais graves, não resultem em ondas de morte, e podemos fazer isso com as ferramentas que temos à mão. Só precisamos ter certeza de que estamos rastreando o vírus, porque continuará a evoluir."

Tedros também pediu que os países não baixem a guarda. "O que esta notícia significa é que é hora de os países fazerem a transição do modo de emergência para o gerenciamento da covid, juntamente com outras doenças infecciosas." Pela primeira vez, aconselhado por cientistas, o diretor da OMS acionou uma disposição do Regulamento Sanitário Internacional para estabelecer um Comitê de Revisão para desenvolver recomendações permanentes de longo prazo para os países sobre como gerenciar a doença.

O que precisa? Do SUS e de um governo

ANÁLISE

GONZALO VECINA NETO

Dá para aprender muita coisa nesse período de três anos de crise da covid-19. Uma delas é que pandemias não acabam. A situação emergencial está terminando agora, mas a pandemia continua. Há quem diga que uma pandemia só acaba quando começa outra, não sou tão radical. Aprendemos que para combater uma pandemia precisa de governo. Não tivemos governo nesses três anos de covid-19. Por isso, hoje temos uma mortalidade muito maior do que a maioria dos países. Houve 7 milhões de mortes, pelas contas oficiais, no mundo. Com 3% da população, o Brasil teve 10% dos óbitos.

Foram 700 mil vítimas no País, também segundo os dados oficiais. Mas, na verdade, as coisas foram piores. Durante a pandemia, apontam estudos, o Brasil, que tinha expectativa de vida ao nascer de 76 anos, passou para 72 anos. Perdemos quatro anos de expectativa de vida graças à forma como mal gerimos essa pandemia.

> **Consequência**
> **Perdemos quatro anos de expectativa de vida graças à forma como mal gerimos essa pandemia**

Aprendemos que é importante ter o Sistema Único de Saúde (SUS), ter um sistema de saúde que atenda a todos, que seja acessível a todos, além de responsável por aplicar as vacinas, que salvaram tantas vidas. Essas são das lições que não podemos nos esquecer. ●

É médico sanitarista, ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Pagina:** 27

Copyright © Clipclap 2025.